

## **ELEIÇÕES EM CENA: IMPACTO DO FILME SOBRE A VIDA DO PRESIDENTE LULA NA SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 2010**

*Elections in focus: the impact of the movie about president Lula's life on the presidential  
alternance in 2010.*

Carlos Souza  
Universidade Federal do Pará - UFPa  
✉ carlossouza@ufpa.br

Algumas reportagens veiculadas pela imprensa brasileira e internacional vêm especulando sobre a possibilidade do filme sobre a vida do presidente Lula oferecer capacidade de influenciar a disputa eleitoral em 2010. Alguns argumentos abordados buscam comprovar essa tese. O fato do filme ter sido lançado em ano eleitoral e ter omitido aspectos da vida de Lula considerados negativos para a imagem pública do presidente é um deles. Os críticos têm dado especial destaque para a o episódio do abandono de uma antiga namorada quando esta estava grávida, e a substituição da cachaça (a bebida preferida do presidente) pela cerveja, além disso, eles apontam os custos e o financiamento do filme, que custou cerca de US\$ 12 milhões, o mais caro já produzido no Brasil e teve a contribuição financeira de grandes empresas; como indícios de comprometimento do atual governo com setores do capital privado, o que possibilitaria canais de comunicação para o financiamento eleitoral em 2010, já que estas empresas estariam interessadas nas obras de infra-estrutura necessárias para a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016, procurando assim uma certa aproximação com o governo em troca de favorecimento posterior.

Apesar da validade dos argumentos é preciso levar em consideração que vários aspectos da vida do presidente, mesmo os não abordados no filme, já eram de conhecimento público e já foram fartamente utilizados em campanhas anteriores, tanto pelo PT, quanto pela oposição, portanto, pouca

novidade o filme pode apresentar em relação à possibilidade de Marketing Eleitoral. Além disso, um aspecto importante a se considerar é que Lula não será candidato em 2010, portanto, não é somente o passado e a trajetória pessoal do presidente que está em cheque, mas a trajetória do candidato que Lula irá apoiar.

Acredito que está se dando uma importância desproporcional ao filme em relação a sua verdadeira capacidade de estabelecer influência na disputa de 2010. Apesar de se reconhecer que a história de vida do presidente apresenta elementos que seduzem o eleitor, existem variáveis no exercício prático da política que são muito mais importantes para a sucessão presidencial e que podem ter maior capacidade de influência nos resultados apresentados. Assim, variáveis como: a avaliação da administração pelo eleitorado, o carisma do candidato, a propaganda eleitoral, a capacidade de neutralizar a oposição, a formação de alianças, entre outros, podem apresentar melhor capacidade explicativa para os resultados eleitorais do que o simples apoio de um presidente bem avaliado e com uma história de vida que agrada à maioria do eleitorado.

É válido afirmar que Lula possui capital político suficiente para fazer seu sucessor, afinal, contam a seu favor indicadores importantes de sucesso eleitoral, como os altos índices de avaliação positiva de seu governo, a condução eficiente da política econômica, sua atuação e reconhecimento na política internacional, e o impacto positivo de sua política social, capitaneada pelos programas de transferência de renda. Entretanto, mesmo como todo este cenário positivo, a capacidade do atual presidente em fazer seu sucessor vem permeada de alto grau de incerteza, pois, sozinhos, os altos índices de aprovação popular não garantem automaticamente a transferência de votos para o candidato de sua preferência.

A experiência vem demonstrando que a transferência de votos e o apoio político de candidatos bem avaliados é algo complexo e, apesar de assumir certa importância na disputa eleitoral, não pode ser considerada como a única variável relevante. Em 2006, por exemplo, Lula não conseguiu eleger Marta Suplicy para a prefeitura de São Paulo. Além disso, na história recente temos o caso do Chile, onde a ex-presidente Michelle Bachelet, mesmo tendo cerca de 80% de aprovação popular, não conseguiu fazer seu sucessor.

A ciência política vem procurando oferecer explicações sobre os fatores que influenciam a decisão do eleitor no momento da escolha de seus

candidatos. Várias teorias explicativas foram desenvolvidas ao longo do tempo gerando intensa controvérsia. Apesar da diversidade de estudos a teoria política tem dado destaque para três tipos de comportamento que afetam o eleitorado no momento de sua escolha: Teoria psicológica do voto, teoria sociológica e o modelo da escolha racional.

No modelo psicológico, o eleitor escolhe seu candidato pelo sentido afetivo, não estando, necessariamente, interessado nas propostas, no desempenho ou na trajetória política do candidato. Para este modelo os indivíduos são portadores de determinadas identidades produzidas durante sua formação pessoal e é a partir dela que passa a relacionar-se e perceber os elementos políticos. Este modelo dá especial ênfase aos valores (morais, sociais, políticos, etc.) que são transmitidos pela família, amigos ou pelo meio em que o indivíduo está inserido e são esses valores que exercem influência nas escolhas e decisões políticas. Assim, uma vez portador de determinada “identidade política” o indivíduo escolheria o candidato ou partido que melhor representasse o seu sistema de valor.

No modelo sociológico, as decisões e escolhas são determinadas pelo grau de conscientização dos indivíduos em relação aos problemas que afetam o seu cotidiano. Neste modelo a consciência não se traduz como um processo natural, que nasce e segue com o homem ao longo de sua vida, mas como algo que é construído, a partir da inserção do indivíduo em algumas estruturas que transformam a sua concepção de mundo ao longo do tempo. Desta forma, elementos como: acesso a educação, cultura e trabalho, mudam as expectativas e o olhar dos indivíduos em relação aos fenômenos do mundo que os cercam. Para esta interpretação a decisão política depende do nível de recursos, educacionais, culturais e de renda, de que dispõem as pessoas, o que lhes permite lidar com as questões políticas de forma mais responsável e com maior compromisso social. O modelo sociológico destaca, ainda, a importância da posição dos indivíduos na estrutura social, evidenciando os seus interesses de grupo e as suas experiências de vida como fator relevante para a sua decisão e escolha política.

Já o modelo da escolha racional apresenta o eleitor como um agente racional, cujos interesses individuais, tendo em vista que ele é orientado para maximizar benefícios e reduzir custos, se colocam como o elemento principal que conduziria suas ações e escolhas. Para esta teoria, o voto tem um caráter instrumental, o que vale dizer que o eleitor é capaz de reconhecer seus interesses e, em função disto, escolhe o candidato que está mais sintonizado

com os seus objetivos. Por esta razão, a teoria da escolha racional tende a enfatizar a racionalidade da decisão do eleitor, dando pouca importância para os elementos sociológicos e atitudinais, próprios das análises determinadas pelos modelos anteriores. O comportamento do eleitor no interior deste modelo está centrado na idéia de que os indivíduos sabem reconhecer seus interesses e votam no candidato ou partido que ele acredita lhe proporcionará mais benefícios que qualquer outro. A escolha se estabelece não para atender os problemas sociais, mas é vinculada àquilo que o eleitor considera importante para o seu bem estar e para a maximização de seus interesses. Assim, neste modelo, os indivíduos além de realizar uma avaliação das ações dos candidatos durante o mandato, fazem uma comparação entre as propostas alternativas apresentadas pela oposição. Dependendo das ações exercidas durante o mandato anterior os eleitores avaliam se vale a pena votar no mesmo candidato de novo ou, pelo contrário, votar na oposição.

Se formos considerar apenas a veiculação do filme como elemento capaz de influenciar a eleição de 2010, a motivação eleitoral será conduzida pelo modelo sociológico do voto, onde o eleitor escolhe pelo significado social, sendo que a trajetória e a identificação do eleitorado mais pobre com a história e vida do presidente guiará suas decisões. Acredito, entretanto, que no sistema eleitoral brasileiro, são poucos os eleitores que assumem este comportamento.

Na conjuntura política brasileira, aceito a hipótese que o eleitor guiará suas decisões muito mais pela avaliação que estabelecer entre uma comparação dos ganhos e perdas que terá entre manter a política do atual governo ou votar na oposição. Geralmente, o eleitor deseja continuidade de governos bem avaliados e procura votar na oposição quando o governo tem alto índice de rejeição. Lula tem elevados índices de avaliação positiva o que oferece grande vantagem para a candidata de sua preferência, porém o desejo de continuidade não pode ser confundido com transferência de votos. O eleitor confia em Lula, não em quem ele indica. Dilma Roussef, estreante nas urnas, terá uma difícil batalha pela frente, terá que manter o grau de apoio recebido pelo presidente Lula e terá que convencer o eleitor da sua capacidade em dar continuidade ao que foi iniciado pelo governo anterior. O eleitor também poderá identificar na oposição capacidade em oferecer possibilidades de mudanças sem comprometer os avanços conquistados na “Era Lula”. De qualquer forma antes do início das campanhas eleitorais e dos debates políticos é completamente arriscado qualquer tipo de previsão.